

TERRITÓRIOS SONOROS DECOLONIAIS NO PROJETO PIXINGUINHA

Ilana Musacchio (Ilanamusacchio@gmail.com)

O presente trabalho propõe uma análise aprofundada do primeiro ano do Projeto Pixinguinha, criado em 1977 pela Funarte, entendendo-o como uma política pública cultural de grande relevância para a descentralização e valorização da Música Popular Brasileira (MPB). O estudo adota uma perspectiva decolonial, buscando revelar como o projeto atuou na disseminação de “histórias não oficiais” da cultura nacional e na construção de novas geografias da música no Brasil. Nesse sentido, o foco se desloca da compreensão tradicional da MPB como fenômeno concentrado nos grandes centros hegemônicos, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, para uma análise que considera o papel da iniciativa na circulação de artistas, saberes e práticas musicais por diferentes territórios do país. Busca-se demonstrar como o projeto se constituiu como mecanismo efetivo de descentralização musical, ao valorizar artistas de diversos gêneros musicais e promover experiências que fortaleciam o senso de pertencimento e identidade local. A metodologia aprovada para esta pesquisa baseou-se na análise de acervos documentais, sobretudo os relatórios oficiais da Funarte referentes ao projeto. A análise se inspirou nas formulações de Porto-Gonçalves (2002) sobre “geo-grafias”, entendidas como inscrições de saberes e experiências no espaço, e nas reflexões de Mateus de Moraes Servilha (2017), que concebe a arte popular como campo criativo, múltiplo, ancestral e de r-existência. Assim, o trabalho se orienta pela valorização de narrativas silenciadas e pela pluralidade de olhares,

fundamentais para compreender o impacto cultural do projeto. O Projeto Pixinguinha destacou-se também por seu caráter inovador na relação entre política pública e público consumidor da arte. Ao oferecer shows com preços acessíveis e realizar eventos em horários pós-expediente, ampliou significativamente o acesso de pessoas de baixa renda, garantindo que diferentes segmentos sociais usufríssem dos concertos. A primeira edição do Projeto Pixinguinha, inaugurada oficialmente em 1977 no Teatro Dulcina, no Rio de Janeiro, apresentou ao público nomes como Ivan Lins e Nana Caymmi. Em seguida, percorreu seis capitais, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, consolidando sua dimensão nacional. Em 16 semanas, foram realizados 273 concertos, alcançando 207.006 espectadores, números que demonstram sua grande recepção pública e sua eficácia como política cultural. A iniciativa reuniu cerca de 150 profissionais e 26 artistas consagrados, como Cartola e João Nogueira, ou Clementina de Jesus e João Bosco. Ao promover encontros musicais diversos, o projeto impulsionou diálogos estéticos e gerou uma circulação inédita de repertórios. Dessa forma, conclui-se que o Projeto Pixinguinha se consolidou como exemplo paradigmático de política cultural descentralizadora, capaz de desafiar a hegemonia do eixo Rio–São Paulo e promover a diversidade da MPB. Sua atuação demonstra como arte e política podem se articular para transformar realidades, fortalecer identidades e ampliar o acesso cultural. Assim, o projeto constitui uma narrativa descolonial bem-sucedida no universo das políticas culturais brasileiras, reafirmando o papel da música como força de resistência, memória e reconfiguração territorial.

Palavras-chave: projeto pixinguinha; decolonialismo; musica popular brasileira.